

## AVANÇO DO CORONAVÍRUS COLOCA NOVAS QUESTÕES PARA A COMUNIDADE PUQUIANA

O período de suspensão das aulas por conta da pandemia de Coronavírus tem seu término previsto para o dia 7/4. Porém, tudo indica que deverá haver nova prorrogação, uma vez que até o Ministério da Saúde já levantou esta possibilidade.

As soluções paliativas adotadas pela Reitoria têm revelado inúmeros problemas que põem em xeque a sua eficácia. Em primeiro lugar, como relatamos em nossa edição anterior, os professores têm encontrado dificuldades substanciais para viabilizar suas aulas *on-line*: inadequação de programas às suas necessidades, impossibilidade de utilização de *softwares* e equipamentos que só se encontram nos laboratórios da universidade, além da precariedade de alguns equipamentos domésticos para viabilizar aulas *on-line*.

Nesta edição divulgamos alguns pontos de vista de coletivos e turmas de estudantes que relatam outros tipos de problemas. Por exemplo, a instabilidade de diversas transmissões, em um momento em que o uso massivo da internet causa congestionamento no sistema; a impossibilidade de muitos terem em suas residências equipamentos capazes de transmitir conteúdos com a eficácia desejada e a dificuldade em se transmitir conteúdos complexos que foram previstos para aulas presenciais e não encontram a mesma ressonância e entendimento quando transmitidos via internet.

A situação mais complicada refere-se principalmente à falta de equipamentos mais modernos nas residências de muitos alunos e vários deles sequer tem acesso à internet. Isto cria mais um tipo de segregação, como se já não bastassem as hoje existentes em nosso meio: uma parcela de estudantes que tem

melhores condições financeiras consegue acompanhar os conteúdos em equipamentos compatíveis e outra fica sem acesso às aulas.

Por tudo isso, cabe-nos perguntar qual a validade de se ministrar cursos para cumprir as semanas letivas propostas pelo MEC sem uma efetiva aprendizagem de conteúdos pelos estudantes? Que tipo de profissional estaremos formando neste momento?

Junto com essas inquietações surgem propostas como a antecipação de férias (opção já adotada por algumas universidades federais) ou alteração do calendário escolar, na esperança que dentro de pouco mais de um mês poderemos voltar à normalidade.

A situação é bastante complexa, principalmente em se tratando de Brasil onde um desgoverno contraria todas as determinações dos organismos de saúde, ataca o ensino por meio do corte massivo de bolsas de pós-graduação e sufoca os trabalhadores com "ajudas" insuficientes para manter a subsistência em um período de crise sanitária.

O país que emergirá após esta crise certamente será outro, diferente do que vivemos até agora e será preciso uma discussão aprofundada para que possamos superar os obstáculos. Nesse sentido, é que se impõe à comunidade puquiana um amplo debate, que não fique circunscrito somente aos seus dirigentes, mas que envolva professores, funcionários e estudantes para alcançarmos a superação desta crise.

A APROPUC e a AFAPUC vão continuar discutindo a atual situação, por meio de suas publicações esperando contribuir para que as propostas para a retomada das aulas sejam discutidas democraticamente, de maneira plena e segura, dentro dos princípios que sempre nortearam nossa instituição.

# Posicionamento da turma do 4<sup>o</sup> Semestre Vesperpetino de **Jornalismo**

Professoras e professores,

Começando pelo mais importante, esperamos que todos vocês estejam bem.

Como estudantes e cidadãos, estamos acompanhando esse período de isolamento em meio à pandemia do novo coronavírus com muita atenção às medidas de prevenção recomendadas e fazendo o possível para fazermos dessa quarentena um período breve. Esperamos que isso esteja sendo feito da parte de vocês também.

Depois de duas semanas tendo aulas virtuais, pudemos perceber o quanto esse cenário tem sido um desafio para todos que fazem parte da comunidade puquiãna. É algo novo para alunos, funcionários e professores.

Nessas circunstâncias, motivados pela abertura e boa relação que temos com todos vocês, nos mobilizamos como turma para trazer algumas pontuações e demandas com o intuito de que possamos juntos encontrar um rumo acessível para todos em meio ao EaD que nos foi imposto.

Frisamos, antes de mais nada, que esta mensagem não visa apontar o dedo diretamente para nenhum professor. Aqui, apenas queremos dar uma geral sobre nossa situação, falando de nossas angústias, demandas, críticas, elogios e demais sentimentos para que possamos ter diálogos e entendimentos ainda melhores durante esses novos tempos.

Tendo isso em vista, pontuamos:

1) Alguns colegas têm enfrentado - e acreditamos que isso é algo geral em toda a PUC-SP - dificuldades para acessar as plataformas EaD. Muitos não têm um desktop ou um notebook e, quando possuem, não é dos melho-

res. Em outros casos, a velocidade baixa da internet prejudica as aulas ao vivo, como as chamadas via *Microsoft Teams*. Pedimos que continuem sendo abertos a estes alunos e que desenvolvam alternativas para os mesmos não serem prejudicados com a perda de conteúdo. Caso estudantes neste caso os procurem, busquem entender quais meios remotos podem ser melhores para eles e tentem se adequar à realidade dos mesmos. É de suma importância ninguém ficar para trás;

2) A sobrecarga de trabalhos, natural da necessidade de continuar as matérias de alguma forma, está se mostrando um problema: muitos dos alunos já estão lidando com demandas pesadas no *home office*, precisam cuidar de suas casas e fornecer apoio a família neste momento, estão enfrentando problemas de saúde de diferentes ordens, precisam lidar com problemas de infraestrutura tecnológica, também têm outras questões acadêmicas que lhes causam preocupações, como questões burocráticas envolvendo a entrega de pré-projetos de iniciação científica, etc. A mudança foi muito brusca: agora, praticamente todos os professores passam trabalhos semanais, e alguns estão passando até dois ou mais trabalhos por semana. Pedimos que vocês estejam em constante contato uns com os outros para que possam organizar uma melhor divisão na proposição dos trabalhos para que não nos sobrecarquem.

3) Meio que sem alternativa, muitas aulas práticas se tornaram teóricas por causa desse contratempo. Não é novidade para ninguém que aulas longas e inteiramente teóricas podem ser cansativas e massantes demais e, por isso, pedimos que sejam pensadas alternativas para driblar esse engessamen-

to das disciplinas. Uma sugestão que damos é a de doar parte do tempo das aulas para fazermos as atividades e leituras propostas, assim como muitos de vocês faziam nas aulas presenciais. Pedimos também que procurem se comunicar com outros docentes para saber o que eles estão fazendo para aproveitar o dinamismo que a internet nos dá para propor aulas que puxem a atenção dos alunos. Chegou até nós, por exemplo, o caso do Prof<sup>o</sup> Leonardo Sakamoto, que fez uma live com os alunos e o humorista Gregório Duvivier. Alguns de vocês cogitaram trazer jornalistas para as aulas para terem um bate-papo conosco. O que os impede de, agora, convidar essas pessoas para uma live? Fica a dica.

Em suma, estes foram alguns pontos que queríamos levar até vocês. Vale frisar que a turma compreende que não está sendo fácil para ninguém se adaptar a um sistema totalmente novo enquanto uma pandemia nos deixa ansiosos sobre o futuro. Estamos abertos a sugestões, pontuações e críticas de vocês também.

Esperamos que esta mensagem seja bem recebida por todos. Juntos, passaremos por essa e faremos um bom semestre, apesar dos intempéries.

Se cuidem e cuidem dos seus. Fiquem em casa e não deem ouvido a quem diz o contrário.

**Da turma JOR-VA4,**  
Um grande abraço!

O artigo publicado acima é de responsabilidade de seu signatário, não refletindo necessariamente as opiniões da APROPUC e AFAPUC

# Nota sobre a condição dos bolsistas diante da continuidade do semestre à distância

Nesta última semana, a PUC-SP suspendeu todas as atividades acadêmicas presenciais em razão da pandemia do Coronavírus, com a obrigação de todo o corpo docente permanecer em quarentena até o dia 30/04, com possibilidade de prorrogação deste prazo. Diante dessa situação, surgiu a problemática de dar continuidade às atividades do semestre à distância, de forma que a Reitoria se manifestou favoravelmente à adoção do Ensino à Distância (EaD) de modo paliativo. Supostamente, este processo seria lidado com muita seriedade e mantendo a qualidade de ensino da PUC-SP. No entanto, o que vemos é justamente o contrário, visto que há uma total desconsideração dos bolsistas neste processo, e grande precarização do ensino ofertado.

Nem todo bolsista tem acesso à internet e aparelhos eletrônicos necessários nos locais em que estão reclusos, o que configura exclusão digital. Além desses estudantes que não têm possibilidade de acesso à internet, há dificuldade de acesso das plataformas e realização das atividades acadêmicas propostas para a continuidade do semestre, que são pensadas principalmente para usuários de computadores e não se desenvolvem de maneira adequada em smartphones. Temos clareza de que, para nós, não há qualidade de ensino se ocorre exclusão dos bolsistas. Ainda, vale a pena lembrar, a adesão ao PROUNI gera diversas isenções fiscais para a universidade. Ou seja, mesmo do ponto de vista puramente econômico, pelos benefícios que trazemos à instituição, nossa condição social deve ser considerada com centralidade na elaboração de qualquer decisão política.

Ademais, com a proposta de reorganizar o semestre em uma semana, as informações não estão claras e os professores têm tomado iniciativas não dialogadas com os estudantes para dar continuidade às atividades acadêmicas. Nesse sen-

tido, diversos bolsistas têm sido colocados em situação de demanda e maior sobrecarga de tarefas. Esse quadro é intensificado pelo cenário de crise gerado pela quarentena forçada que, em um contexto de intensa desigualdade social e concentração de renda, impacta mais diretamente as condições materiais da classe trabalhadora e, consequentemente, dos bolsistas.

Concretamente, por exemplo, muitos de nós precisam se manter trabalhando por Home Office. Em nossas famílias, pais, irmãos, tios e amigos muitas vezes estão em situação de trabalho informal, ou mesmo desempregados ou com redução de salários nesse momento de crise e retirada de direitos sociais. A situação de instabilidade econômica e de não saber como pagar todas as contas no fim do mês, infelizmente, é uma realidade para nós. Para além desses aspectos, ainda estamos em contextos de igual ou até mesmo maior vulnerabilidade em relação ao contágio pelo Coronavírus (como ocorre quando nos é negado o direito à quarentena), o que nos traz muitas inseguranças e impactos diretos à nossa saúde mental. A despeito de tudo isso, ainda precisamos nos preocupar em conseguir acessar e realizar as atividades acadêmicas da PUC-SP, além de manter nossas notas e presenças neste semestre diante de todas essas condições adversas. Isso para nós configura-se como um desprezo às políticas de permanência da universidade.

Referente ao desencontro de informações já mencionado, observamos que essa situação tem prejudicado bastante os estudantes na hora de agir. Na Faculdade de Direito, por exemplo, os professores têm aderido à plataforma Teams e Moodle e passado diversos trabalhos com prazos apertados. Neste mesmo curso houve também, simultaneamente, a instauração das "atividades estruturadas" vindas diretamente da coordenação do curso sem contato direto com estu-

dantes e professores. Já no curso de História, observa-se que há resistência por parte dos professores em aderir às plataformas digitais de ensino, mas aos estudantes tem sido passados trabalhos extensos também com prazos curtos.

No geral, vemos dificuldade do corpo docente em se adaptar ao EaD, pois nem todos os professores estão familiarizados com os recursos digitais e parece-nos descabida a exigência de que todos se adaptem em uma semana às plataformas. Mesmo com essa dificuldade, é cobrada a continuidade das atividades, desconsiderando a realidade de professores e estudantes. Além disso, os objetivos pedagógicos das disciplinas deste semestre estão sendo deixados de lado, priorizando o cumprimento formal das exigências do MEC. No mais, o EaD não substitui, em especial, atividades essenciais tais como laboratórios, estágios curriculares etc., que trazem consigo uma experiência muito importante ao processo de ensino-aprendizagem.

Para nós, do Da Ponte Pra Cá - Frente Organizada de Bolsistas da PUC-SP, a decisão política de utilização do EaD por parte da Reitoria envolve tanto a precarização do ensino ofertado quanto a elitização da Universidade, posto que há desconsideração dos bolsistas nesse processo.

Além disso, essa decisão política foi tomada de forma não democrática, uma vez que não foi debatida com os estudantes e professores. Assim, parece-nos que essa medida prioriza a conclusão do semestre em detrimento de sua qualidade, com a consequente continuidade de cobrança do valor integral das mensalidades, mesmo em situação de pandemia.

Diante do que foi dito, reivindicamos:

1 - Que nenhum estudante seja prejudicado, especialmente os bolsistas, não havendo controle rígido

de faltas e notas;

2 - Prazos flexíveis e que sejam compreensivos com a realidade diversa e desigual dos estudantes;

3 - Que os professores tenham autonomia para definir, junto com os estudantes, as formas didáticas e o tratamento das atividades para esse semestre;

4 - A construção de alternativas que viabilizem o semestre para bolsistas que não tenham computadores/notebook, ou ainda que não tenham acesso à internet.

Por fim, enfatizamos a relevância política de que os Centros Acadêmicos dos respectivos cursos pautem estes pontos críticos junto às Direções e Coordenações de Cursos, exigindo que a condição dos

estudantes bolsistas seja considerada nesse período.

Que a Universidade se Pinte de Povo!

**Da Ponte Pra Cá - Frente Organizada de Bolsistas da PUC-SP**

O artigo publicado acima é de responsabilidade de seus signatários, não refletindo necessariamente as opiniões da APROPUC e AFAPUC

## Nota Política do Movimento por uma Universidade Popular (MUP)

Não é de hoje que está imposta para a juventude trabalhadora a lógica de produção de mão de obra nas universidades. Com mais força nas instituições privadas de ensino superior, o discurso de saída individual da condição de desemprego ou para alcançar melhores condições de trabalho leva estudantes a um ciclo de formação profissional mínima para tentar romper a barreira de seleção do mercado deixando essa parcela ainda mais exposta a uma lógica mercantilizada e precarizada de ensino.

Essa conjuntura particular faz com que a pressão por diplomas oculte o quão insuficiente e insatisfatório é o caráter completamente paliativo das EaDs na formação em nível superior se mostra não só durante o período de isolamento domiciliar por conta do coronavírus, como também para além dele. O debate, mesmo em um momento de crise, não pode se desviar do compromisso programático por uma educação de qualidade para além do período de pandemia e excepcionalidade vivido

Essa conjuntura leva parte dos estudantes, convencidos de que os esforços devem se voltar à reconfiguração do ensino com vistas a não interferir em seu período de formatura, a articular a luta em torno de aceitar a precarização do ensino via EaD, reduzindo seu referencial de luta a partir da manutenção dos preços relativos às disciplinas EaD.

O COVID-19 não vai ser algo passageiro e já deu provas de que o mundo todo está disposto a parar suas atividades para combater a proliferação. O Movimento por uma Universidade Popular (MUP) considera que a medida aprovada (Portaria 343 do MEC) é uma forma oportunista de satisfazer os interesses dos grandes oligopólios educacionais diante de um quadro geral de crise

mundial que vai muito além da pandemia. Com a medida, Bolsonaro e seus aliados provam mais uma vez que a sua prioridade no momento é a de garantir que os riscos à burguesia sejam transferidos para a classe trabalhadora, em meio a toda reconfiguração da vida cotidiana durante a quarentena.

O MUP, comprometido com a construção do Programa da Universidade Popular, acredita que os estudantes devem cerrar fileiras para impedir que os grandes oligopólios da educação precarizem ainda mais o ensino sob justificativas de anormalidade e pandemia para ocultar seus reais interesses de garantir o ciclo de valorização de capital ao qual estão submetidos seus lucros.

O pânico não pode impedir que os estudantes definam as melhores ferramentas de luta diante dos reais problemas a serem enfrentados: a crise é também um impulso para o avanço dessas tecnologias para além do período de isolamento domiciliar. Não há precedente de tamanho esforço dos oligopólios educacionais para viabilizarem a implementação do EaD, isso porque a infraestrutura que está sendo montada agora não será desmontada posteriormente, da mesma forma que o EaD consegue garantir que os efeitos da pandemia sejam transferidos para os estudantes e docentes, não impactando em seus lucros, ainda que eventualmente se reduzam as mensalidades para o valor de mercado de cursos à distância. Importante observar que muitos estudantes dos cursos presenciais não possuem meios (internet, computador) para ter acesso às plataformas EaD durante o isolamento.

Sendo assim, não existem dois momentos distintos de luta, e neste mo-

mento não há espaço para o recuo estratégico para a defesa do mesmo EaD que no momento seguinte nos levará novamente à luta, reafirmando que educação não é mercadoria e não deve servir para o lucro de grandes corporações financeiras.

Nesse sentido, pautamos:

1. Suspensão imediata das atividades nas instituições privadas de ensino e a liberação de estudantes e funcionários;
  2. Suspensão imediata das mensalidades, sem que haja cobranças posteriores ao período de suspensão das aulas;
  3. Fim da aplicação de aulas à distância na modalidade online em caráter de obrigatoriedade;
  4. Adiamento e reconfiguração do calendário escolar após o período de isolamento;
  5. Manutenção dos salários integrais a todos os trabalhadores durante todo o período de fechamento das instituições, que os grandes acionistas arquem com os custos da crise;
  6. Pela anulação dos critérios de frequência para manutenção de bolsas e financiamentos!
  7. Imediato congelamento das taxas de juros sobre o financiamento via FIES ou outros programas privados!
  8. Manutenção do pagamento de bolsas e auxílios financeiros durante o período de quarentena!
  9. Liberação imediata dos estudantes em estágios obrigatórios sem prejuízo!
- Via MUP (Movimento por uma Universidade Popular) - Articulação Nacional**

O artigo publicado acima é de responsabilidade de seus signatários, não refletindo necessariamente as opiniões da APROPUC e AFAPUC